

O lorde sombrio do Vale do Silício

Peter Thiel entra na conversa

Carole Cadwalladr

*Uma nota sobre o que estou fazendo e por quê: sou uma jornalista investigativa que trabalhou no Guardian por 20 anos, investigando principalmente a interseção entre política e tecnologia — incluindo a denúncia do escândalo Cambridge Analytica/ Facebook em 2018. As empresas opacas e sem prestação de contas do Vale do Silício que facilitaram tanto o Brexit quanto a eleição de Trump agora são peças chave de um eixo global de autocracia em aceleração. Acredito que estamos diante de uma nova forma de poder, um novo tipo de poder, e estou comprometida em continuar expondo isso: **broligarchy**.*

— Vai viajar para algum lugar legal? — perguntou o homem atrás de mim na fila do check-in da British Airways em Heathrow. Ele tinha sotaque americano. Hesitei antes de responder.

— Não — eu disse. — Para os Estados Unidos.

Nunca pensei que diria isso. E, tendo sido detida por várias horas na imigração americana em uma viagem anterior, sentia uma certa apreensão por estar indo aos EUA pela primeira vez desde o retorno de Trump ao poder.

Falo mais dessa viagem daqui a pouco. Mas primeiro, um rápido resumo das principais notícias americanas da semana. Não se trata do Elon Musk ter “renunciado” ao DOGE. Leve isso com um grão de sal. A ideia de que Musk “fracassou” em sua “missão” de eliminar “desperdício, fraude e abusos” é completamente fora de foco. Trata-se, acima de tudo, de uma repetição dos inúmeros artigos tolos sobre como Musk teria “fracassado” na compra do Twitter porque perdeu um monte de anunciantes e não lucrou com isso. Como se esse fosse o objetivo. Você não compra uma arma de propaganda global para lucrar. Você compra uma arma de propaganda global para espalhar propaganda em escala global.

A ideia de que Musk se aliou a Trump por causa de uma crença profunda na eficiência do gasto público é, na melhor das hipóteses, ingênua — e, na pior, um erro jornalístico grave. Seus aliados ainda ocupam cargos em vários departamentos do governo dos EUA. O DOGE não vai a lugar nenhum. E o verdadeiro objetivo do DOGE nunca foi economizar dinheiro dos contribuintes. Trata-se de uma reescrita fundamental do contrato social: da relação entre os

cidadãos americanos e o Estado — e entre o Estado e a iniciativa privada.

Os operadores de Musk vêm obtendo acesso sistemático a bancos de dados em todo o governo americano — e agora estão fundindo esses dados. Este é [um link de acesso liberado para um artigo importante do New York Times](#), que consolida reportagens anteriores e lança nova luz sobre como esses dados estão sendo integrados em uma gigantesca máquina de vigilância. Uma máquina de vigilância presidida pelo lorde sombrio do Vale do Silício: Peter Thiel.



Há uma regra essencial ao se falar de Peter Thiel: **nunca o subestime**. Ele é um mestre enxadrista, estrategista de longo prazo. Um de seus atos mais célebres — destruir o site Gawker — foi arquitetado durante anos. JD Vance, o atual vice presidente dos EUA, é um projeto de Peter Thiel — 100% moldado por ele ao longo de 15 anos. Eles se conheceram quando Vance era estudante, e toda sua carreira, primeiro nas finanças, depois na política, se deve a ele.

Mas talvez o empreendimento mais impactante de Peter Thiel seja a **Palantir**, a empresa de análise de dados e contratada militar, que, segundo o New York Times, está agora sendo usada para processar e combinar esses grandes volumes de dados.

“A escolha da Palantir como fornecedora-chefe do projeto foi motivada pelo Departamento de Eficiência Governamental de Elon Musk, segundo autoridades do governo. Pelo menos três membros do DOGE trabalharam anteriormente na Palantir, enquanto outros dois atuaram em empresas financiadas por Peter Thiel, investidor e fundador da Palantir.”

3

O New York Times, com base em reportagens da Wired e da CNN, somou 314 categorias de dados que o DOGE de Musk pretendia consolidar e fundir.

A atuação pública de Musk na Casa Branca pode ter terminado (por ora), mas isso foi, na verdade, um espetáculo político de sucesso estrondoso. A “missão”, no entanto, continua. As fundações de um Estado de vigilância tecnoautoritário foram lançadas. O software Foundry da Palantir — que, inacreditavelmente, também é usado no coração do sistema de saúde britânico (NHS) — representa a próxima etapa dessa consolidação e controle.

Para entender como esse banco de dados pode ser utilizado, basta olhar para o que já está sendo feito com ele para rastrear imigrantes.

“A Palantir passou recentemente a auxiliar a equipe de operações de remoção e fiscalização do ICE (Departamento de Imigração e Alfândega), segundo dois funcionários da empresa e dois atuais e ex-oficiais do DHS. O trabalho faz parte de um contrato de US\$ 30 milhões assinado em abril para construir uma plataforma de monitoramento em tempo real de movimentos de migrantes.”

Basta olhar para a China para entender como o tratamento de um grupo minoritário pode ser o começo de uma estrutura de vigilância total. Começou com o monitoramento dos uigures — muçulmanos étnicos — como projeto-piloto, e depois a tecnologia foi expandida em escala nacional.

Mas a vigilância é apenas uma dimensão. Esse banco de dados entrega ao setor privado um poder estatal: decisões de vida ou morte podem ser tomadas por inteligência artificial proprietária, aprimorada com esses dados, sem prestação de contas pública. Isso é a tecnocracia com a qual o avô de Elon Musk sonhava.

“Combater o desperdício, a fraude e os abusos” pode ser o slogan repetido na Casa Branca e nos estúdios da Fox News, mas a ordem executiva de Trump de 20 de março incluía três palavras importantes a mais: “eliminando silos de informação”.



E as impressões digitais de Peter Thiel estão nisso tudo desde o começo. Gregory Barbaccia, um leal escudeiro de Thiel há anos, foi alocado em um cargo-chave poucos dias após a posse de Trump. Segundo a Bloomberg:

Gregory Barbaccia	
GOVERNMENT ROLE	CONNECTIONS
Chief Information Officer at the Office of Management and Budget	Palantir, Elementus
Gregory Barbaccia worked at Palantir for a decade before leaving to run blockchain company Elementus. Barbaccia is now CIO of the Office of Management and Budget. He was one of the Trump officials who interviewed agency personnel in the days after the inauguration, according to a person who was interviewed by him and asked not to be identified.	

Visto de fora, o trabalho do DOGE com o governo dos EUA e a agenda de Peter Thiel parecem uma coisa só — embora a relação pessoal entre Thiel e Musk, que remonta a décadas, seja tudo menos simples. Eles fundiram suas startups para criar o PayPal, sistema de pagamentos que gerou a fortuna de ambos — e foi o primeiro passo em um sonho libertário de substituir o sistema financeiro global.



Peter Thiel e Elon Musk, mais novos.

Vai saber qual é o trato atual entre esses dois egos galácticos. Mas não dá pra descartar nada.

Inteligência Artificial da Serra Elétrica?

Trump, o Vale do Silício e o príncipe saudita se unem. O que poderia dar errado?

Estive refletindo sobre uma notícia do início deste mês, quando Trump reuniu novamente os “tech bros” pela primeira vez desde a posse. Mas, desta vez, o encontro não foi em Washington, e sim em Riad, na Arábia Saudita. Há um novo broligarca no pedaço: Mohammed bin Salman, o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, também conhecido como MBS — ou “Bonesaw”, o homem que, segundo a CIA, ordenou o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, do Washington Post.

MBS tem uma nova missão: transformar a Arábia Saudita em um polo global de inteligência artificial. Como governante autocrático de um regime repressivo, que foi isolado por líderes políticos e empresariais após a morte de Khashoggi, isso não tem sido fácil. O presidente Biden proibiu investimentos sauditas em empresas de tecnologia dos EUA, e países como o Reino Unido impuseram restrições à propriedade estrangeira de meios de comunicação.

Mas bem-vindo à nova ordem mundial, onde ambos os princípios ruíram neste mês.

Essa é a imagem que não me sai da cabeça. Há poucos dias, escrevi sobre Sam Altman recebendo o Financial Times em sua casa, apresentando seu marido e seu bebê. Dias depois, lá estava ele, desfilando com Donald Trump e MBS no Palácio Real Saudita.



*Sam Altman, com toda sua conversa sobre IA e progresso, **não estava usando seu famoso “chat” para conversar sobre direitos da população LGBT com MBS e Trump.***

Essa foi a primeira viagem internacional de Trump neste novo mandato. As

imagens transmitidas ao vivo do palácio revelaram um elenco de cair o queixo — não apenas Sam Altman (da OpenAI) e Elon Musk (do DOGE), mas também: Alex Karp (CEO da

6

Palantir), Jensen Huang (CEO da Nvidia), Dara Khosrowshahi (CEO da Uber), Patrick Soon-Shiong (proprietário do LA Times).

Essa foi a primeira grande aparição pública dos broligarchs com Trump. E o que ela mostrou foi o novo manual de política externa dos EUA: essas empresas agora fazem parte não só da estrutura estatal americana, mas também das relações diplomáticas com outros países. Um alerta claro: estamos vendo uma convergência entre tecnologia de ponta e energia, formando um novo SuperPAC oligárquico que sustenta os interesses da autocracia global.

A Arábia Saudita precisa de chips e tecnologia dos EUA. E a tecnologia dos EUA precisa de energia e capital. Ou, para colocar em outro contexto: Jeff Bezos, fundador da *Amazon* e dono do *Washington Post,* comprometeu 5 bilhões de dólares em um projeto saudita liderado por MBS — o mesmo homem que mandou matar um jornalista de seu próprio jornal.



Reencontro de amigos: Bezos com MBS antes de todo o... problema com os pedaços de corpo.

E Sam Altman, um homem abertamente gay, almoçou com o chefe de um país onde a homossexualidade é punida com a morte. Não faz tanto tempo que a

Arábia Saudita executou cinco homens após confissões forçadas de atos homossexuais.

A última coluna de Jamal Khashoggi no Washington Post ainda está no ar, um lembrete assombroso dos eventos que levaram à sua morte:

7

“Sob pressão do meu governo, o editor de um dos jornais árabes mais lidos, o Al Hayat, cancelou minha coluna. O governo me baniou do Twitter quando alertei contra o entusiasmo excessivo com a eleição de Donald Trump.”

Primeiro, MBS silenciou Khashoggi por escrever sobre a relação da Arábia Saudita com o governo Trump. E quando isso não bastou, ele o matou. A menção ao Twitter é especialmente reveladora, considerando que o primo de MBS é hoje o segundo maior investidor da plataforma (atualmente chamada X), atrás apenas de Musk — e que o governo saudita chegou a empregar um agente infiltrado na empresa para espionar dissidentes.

A mensagem mais importante dessa viagem — e que precisamos considerar com muita atenção — é que ela evidencia como a inteligência artificial é, por natureza, um projeto antidemocrático. A visita à Arábia Saudita deve ser entendida nesse contexto. Ela sinaliza não apenas uma relação ainda mais próxima entre Trump e os países do Golfo, mas também **a fusão entre o Vale do Silício e uma rede autocrática global.**

E nós fazemos parte disso. Nossas compras na Amazon agora financiam as ambições de IA de MBS — ambições que incluem vigilância, repressão e controle da população.

Nas últimas semanas, deixei de compartilhar muitos links, incluindo uma entrevista com a brilhante Molly Jong-Fast (filha de Erica Jong, ícone feminista dos anos 70 e autora de Medo de Voar, que cunhou o termo zipless fuck). Molly está prestes a lançar um livro de memórias que parece ótimo.

Outro link que ainda devo postar é uma entrevista com Peter York, jornalista de estilo que criou a expressão “Sloane Ranger” e acompanha essa história com atenção desde pelo menos 2017 — algo que, como digo no podcast, se deve ao seu faro sempre à frente do tempo.

Desculpem pela irregularidade nas postagens. Muita coisa tem acontecido.

Atualizo vocês em breve.

Obrigada, como sempre.

— Carole